

## Entrevista com Sálua Chequer

**Sálua Chequer** possui Licenciatura em Música pela Universidade Católica de Salvador; e Graduação em Eventos pela Universidade Salvador. É Mestranda em Arte, Educação e Cultura pelo IEBE – Instituto de Educação Brasil Espanha/UIMP – Universidade Internacional Menendez Pelayo. Atua há mais de trinta anos como pesquisadora de Cultura Popular. É também fundadora e diretora artística do grupo musical Camerata Popular do Recôncavo. Desenvolveu e avaliou projetos de cultura popular, além de participar de palestras e oficinas nessa área.

### **São mais de 900 brinquedos em exposição. Por meio deles, o que é possível aprender sobre a cultura popular nordestina?**

A origem, região de mata, de mar, de semiárido... isso influencia no uso do material. Da mata, por exemplo, temos alguns cipós, palhas, fibras, bem característicos, que são matérias-primas para confecção de cestas, abanos, cordas, bonecas (sisal). A história, a influência ibérica em vários deles, percebida em alguns fantoches, brinquedos de empurrar, cena de galinhas comendo milho, além da influência indígena, como a peteca. As cores vibrantes também são características do nordeste, assim como a fisionomia de vários bonecos.

### **A coleção compreende qual período? Quais são os brinquedos mais antigos da Mostra e de quais materiais eles são feitos?**

A coleção existe há 22 anos. No início era com a intenção de decorar a minha casa. Sempre fui apaixonada por cultura popular... os brinquedos representam um viés desse meu gosto. Eu já enfeitava minha casa com artesanato. Viajando por cidades do interior da Bahia e de outros estados, eu fui adquirindo e, a princípio, apenas juntando. Os brinquedos mais antigos são uma caminha de madeira que meu pai me presenteou. Tem 52 anos; dos que eu adquiri, tem um Mané Gostoso, feito de madeira, e a principal característica é a ausência do colorido. Tenho alguns berra boi, feitos de argila crua, papel, madeira e breu. Algumas bonecas de pano têm mais de 20 anos. Os piões também são antigos, um trator branco feito de madeira, embalagem de creme dental.

### **Como vivem os artesãos que compõem a Mostra? Para eles, qual é a importância do brincar?**

Alguns vivem em cidades do interior, já consideram o fato de fazer o brinquedo, uma brincadeira. A maioria aprendeu com a família, que por não poder comprar um brinquedo pronto, como eles falam, construía seu próprio brinquedo. São pessoas simples no jeito de viver, mas com muito requinte, sensibilidade e bom gosto em tudo o que produzem. Conheço vários artesãos que moram em capitais nordestinas. Hoje eles já se organizam em cooperativas, associações e produzem com muito gosto e dedicação.

### **A evolução do brinquedo acompanha a evolução da indústria e da tecnologia. No caso dos brinquedos artesanais, o que muda com o tempo?**

Alguns elementos são incorporados ao se fazer os brinquedos, como a esponja, o plástico, olhos, boca; no caso das bonecas, são comprados prontos. Alguns artesãos mantêm a tradição de fazer bordado... tudo à mão, como eles dizem. Alguns produzem com personagens de desenho animado. No início, o Mané Gostoso era um homenzinho... sempre assim. Hoje, tem o

Homem-Aranha, o Bob Esponja, entende? Personagens foram absorvidos pelos artesãos, até para atrair clientela. A presença dos personagens que fazem parte do universo infantil atual é marcante. Mas eles continuam criando, também, seus próprios personagens.

**Nos centros urbanos dominados pela tecnologia, como pais e professores podem resgatar os brinquedos e as brincadeiras tradicionais?**

Eu estou percebendo uma preocupação tanto da família como das escolas em retomar esses brinquedos artesanais e as brincadeiras tradicionais, como opções de lazer e aprendizado. É uma possibilidade. Eles devem ser mostrados, apresentados... a criança precisa saber que isso existe. Eu trabalho com crianças de 5 até 11 anos de idade e, com muita frequência, levo brinquedos artesanais e brincadeiras como parlendas para as aulas, e são muito bem aceitos. Elas se divertem muito. Eu tenho, na sala de aula, uma corda de sisal que não fica parada... nós pulamos corda com muita frequência. Os alunos me pedem e rapidamente se organizam para fazer a brincadeira. Eles têm um repertório de parlendas imenso. A família e a escola precisam propor a brincadeira, sentar para brincar e apresentar essa opção de brinquedos para os filhos/alunos. Não tem como gostar do que não se conhece.

**De que maneira a escola pode incentivar a produção de brinquedos e combater o consumo exagerado de produtos industrializados? É brincando que se aprende?**

A escola pode promover troca de brinquedos, convidar artesãos para produzir brinquedos com os alunos, mostrar como vários brinquedos podem ser feitos através de material reaproveitado. Brincar, além de aprender e ensinar, forma uma pessoa melhor, com sonhos, encantamentos, uma afetividade bem resolvida. Aprende/ensina a socializar, a criar, e de forma especial a perdurar até na fase adulta o brilho da infância.